



A COESÃO TEXTUAL EM TEXTOS INFANTIS: ESTUDO COMPARATIVO DE REDAÇÕES PRODUZIDAS POR CRIANÇAS DE TERCEIRO E DE QUINTO ANO DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Leilane Morais Oliveira¹
 Fernanda Maria Reis Brandão²
 Mônica Santos de Souza Melo³

RESUMO: Este artigo dedica-se à discussão de questões relacionadas à coesão textual, a partir de textos infantis produzidos, no segundo semestre de 2009, por alunos do terceiro e do quinto ano da escola estadual engenheiro márcio aguiar da cunha (localizada na cidade de ipatinga – mg). Por meio da análise do *corpus* e com base nos pressupostos teóricos de fávero (1991) – referentes à coesão textual referencial, à coesão textual recorrencial e à coesão textual sequencial, apontamos aqui os principais mecanismos coesivos utilizados por esses alunos e analisamos, de forma comparativa, a eficiência e os problemas que tais utilizações apresentam.

Palavras-chave: linguística textual; Coesão; Textos infantis.

ABSTRACT: This article is dedicated to discussing issues related to textual cohesion, from texts written in the second half of 2009 by children in third and fifth years of the escola estadual engenheiro márcio aguiar cunha (located in ipatinga - mg). Through the analysis of the corpus and based on fávero's (1991) theoretical assumptions - related to referential textual cohesion, recurring textual cohesion and sequential textual cohesion, we highlight the main cohesive mechanisms used by these students and analyze, in a comparative fashion, the efficiency and the problems that such uses present.

Keywords: textual linguistics; cohesion; children's texts.

1. Introdução

Sabe-se que a textualidade é questão central dos estudos de Linguística Textual e, há muito, os estudiosos da área vem classificando um texto como tal em virtude de este possuir ou não os fatores de textualidade, dentre os quais está a coesão.

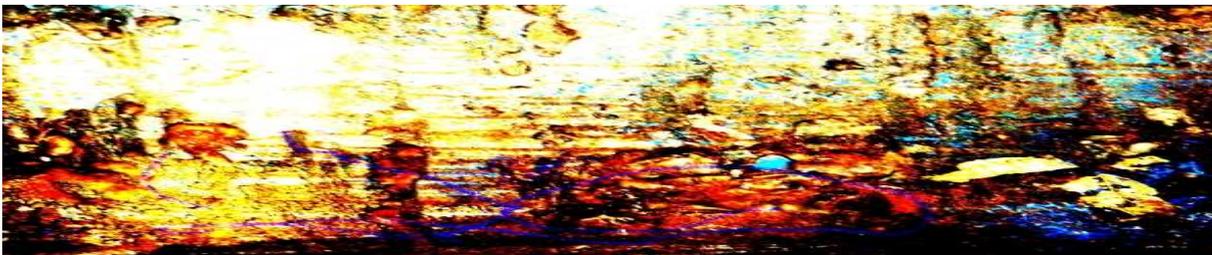
Embora a coesão não seja considerada como fator determinante para que um texto apresente sentido, uma boa formação estrutural reflete clareza e organização dos elementos linguísticos que compõem a superfície textual, além de servir como mecanismo facilitador do processo de leitura. E, em contrapartida, pode-se dizer que um uso inadequado dos mecanismos

¹ Graduanda do 7º período do curso de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, da Universidade Federal de Viçosa (UFV) e bolsista de Iniciação Científica do Pibic/CNPq.

² Graduanda do 7º período do curso de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, da Universidade Federal de Viçosa (UFV) e bolsista de Iniciação Científica do Pibic/CNPq.

³ Doutora em Estudos Linguísticos/Análise do Discurso e professora adjunta do Departamento de Letras da Universidade Federal de Viçosa (UFV).

Leilane Morais Oliveira
 Fernanda Maria Reis Brandão
 Mônica Santos de Souza Melo



coesivos pode dificultar a compreensão da informação e gerar a falta de sentido e/ou incoerência entre as partes que compõem um texto.

Sabe-se que o usuário da língua se utiliza dos mecanismos coesivos tanto na produção falada, quanto na produção escrita. Na fala, geralmente, o falante os utiliza de forma espontânea e nem se dá conta do complexo processo que efetua para relacionar as expressões linguísticas que produz e/ou para entender os textos que ouve. Já na modalidade escrita, os recursos coesivos parecem estar envoltos por uma maior complexidade.

Com base nessas considerações, acredita-se que a capacidade de reconhecer e de fazer o uso eficaz dos recursos linguísticos com os quais se constrói a coesão textual na modalidade escrita é uma habilidade que precisa ser sistematicamente trabalhada na escola, sobretudo nas séries iniciais, pois, é na etapa ulterior da alfabetização que a criança começa a dominar, de forma mais operativa, a leitura e a escrita.

Dessa forma, faz-se necessário investigar como se dá o uso dos mecanismos de coesão em redações feitas por alunos das séries iniciais, a fim de analisar se o modo com o qual as crianças estruturam os seus textos reflete um ensino eficaz desse fator de textualidade. Por isso, o presente artigo tem por objetivo analisar como os mecanismos de coesão são articulados dentro de textos de crianças do terceiro (antiga segunda série) e do quinto ano (antiga quarta série) do ensino fundamental da Escola Estadual Engenheiro Márcio Aguiar da Cunha, localizada na cidade de Ipatinga, interior de Minas Gerais.

O *corpus* de análise é composto por dez textos narrativos, os quais foram obtidos através das professoras de cada uma das turmas (compostas por, aproximadamente, vinte alunos). Os textos do terceiro ano foram feitos com base na observação de um desenho dos personagens Chico Bento e Rosinha (da *Turma da Mônica*) e os do quinto ano foram produzidos sob a forma de reconto da história de Robin Hood (com ênfase na ligação do mesmo com o rei Ricardo Coração de Leão) que fora anteriormente contada pela professora.

Quanto à análise linguístico-textual empreendida, fez-se, primeiramente, um levantamento dos mecanismos coesivos utilizados pelas crianças, a fim de estabelecer uma análise comparativa dos dados apresentados por ambas as séries. Posteriormente, verificou-se de que forma o uso dos elementos de coesão contribuiu ou apresentou problemas em relação à construção da textualidade nos textos do *corpus*.

Leilane Morais Oliveira
Fernanda Maria Reis Brandão
Mônica Santos de Souza Melo



Para organização dos textos do *corpus*, apresenta-se a seguir uma codificação que foi estabelecida da seguinte maneira:

- “T” inicial que indica “texto”,
- numeração ordinária dos textos, sendo a sequência aleatoriamente definida;
- para os textos produzidos pela turma do terceiro ano tem-se, ao final do código, o numeral 03 e para os textos produzidos pelo quinto anos tem-se o numeral 05, conforme se observa nos exemplos a seguir:

T01 – 03

T03 – 05

2. A coesão textual segundo Fávero (1991)

Condição necessária, mas não suficiente para estabelecer o sentido de um texto, a coesão textual se refere às relações de interdependência que enunciados e/ou partes de enunciados mantem entre si.

É certo que muito já foi discutido por diversos autores em relação à organização formal do texto (HALLIDAY e HASSAN, 1976; PÉCORA, 1986; KOCH, 1989) e que, por conseguinte, muito se pode tomar da literatura no que se refere ao conceito de coesão. Entretanto, contata-se que Leonor Lopes Fávero em seu livro “Coesão e Coerência Textuais” (1991), fornece subsídios mais compatíveis com o tipo de análise objetivado por esse trabalho.

Sendo assim, dentre os demais autores e teorias, destaca-se aqui os apontamentos de Fávero quanto à coesão textual, os quais giram em torno de uma classificação que se baseia na função que os mecanismos coesivos exercem na construção do texto e não em categorias como classe de palavras, de léxico, etc. (FÁVERO, 1991, p. 17)

Fávero propõe, pois, os seguintes tipos de coesão textual:

- **coesão referencial** que “pode ser obtida por substituição e por reiteração” (FÁVERO, op. cit. p. 18) e se refere aos itens da língua que, presentes em um texto, “não são interpretados semanticamente por seu sentido próprio”, mas pela referência que fazem a outro(s) elemento(s) também presentes na superfície textual ou inferíveis a partir dela. A *substituição* se dá quando um componente textual é retomado (por anáfora ou catáfora) através de pró-formas que podem ser

Leilane Morais Oliveira
Fernanda Maria Reis Brandão
Mônica Santos de Souza Melo



pronominais, verbais, adverbiais e numerais; a *reiteração* diz respeito à retomada que ocorre a partir da repetição do mesmo item lexical, a partir de sinônimos, do uso de expressões nominais definidas, entre outros;

- **coesão recorrencial** que diz respeito ao mecanismo através do qual termos, estruturas ou sentenças são retomadas sem que o fluxo de informação do texto deixe de progredir;

- **coesão sequencial** que também garante a progressão informacional do texto e se refere ao mecanismo através do qual pode haver sequenciação temporal (a qual tem por base o tempo do “mundo real”) e sequenciação por conexão (dada por “operadores do tipo lógico”, por “operadores argumentativos” e por “pausa”) em um enunciado.

3. Análise Linguístico-Textual das Narrativas das Crianças do 3º Ano

Como já foi dito, a coesão dos textos que compõem o *corpus* foi analisada à luz da classificação teórica proposta por Fávero (1991).

O primeiro texto analisado, da turma de terceiro ano, é T01 – 03, o qual é transcrito a seguir por motivo de exemplificação e por sua brevidade:

T01-03

Um passeio inesquecível

Em uma noite de lua cheia Chico Bento estava se arrumando para ir em um encontro com Rosinha.

Eles entraram na canoa e começaram a navegar pelo rio, bem do lado deles havia um casal de passarinhos se beijando.

Eles navegaram, navegaram e navegaram.

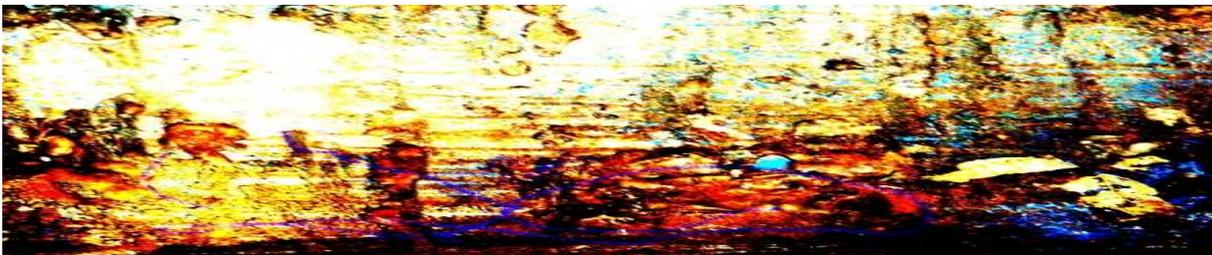
Estava ficando tarde e Chico Bento disse para a Rosinha para voltarem.

Então Rosinha disse adeus e deu um beijo no Chico Bento. Foi lindo o passeio!

Pode-se observar que esse texto segue o modelo clássico de narrativa, pois, apresenta-se organizado em três sequências de eventos: há um estado inicial, no qual “Chico Bento estava se arrumando para ir em um encontro com Rosinha”, um estado secundário que se refere à efetivação do passeio e a narração do que ocorreu no mesmo, e um estado final, no qual se dá o desfecho da narrativa.

Observa-se que a passagem do estado inicial para o secundário não é assegurada pelo nível semântico-formal e está a cargo somente do leitor inferir que, após se arrumar, Chico Bento

Leilane Morais Oliveira
Fernanda Maria Reis Brandão
Mônica Santos de Souza Melo



encontrou-se com Rosinha e ambos foram até um rio em que havia uma canoa na qual entraram e “começaram a navegar”.

Nota-se que quanto, à coesão lexical, no segundo parágrafo da narrativa, o aluno utiliza as pró-formas pronominais “eles” e “deles” para referenciar, por substituição anafórica, os nomes “Chico Bento” e “Rosinha” presentes no primeiro parágrafo. E, ainda, vê-se que o aluno substitui por zero, isto é, por elipse, o pronome “eles” na oração coordenada “Eles entraram na canoa e começaram a navegar pelo rio”, o que também é feito nas sequências coordenadas “(...) *Chico Bento disse para Rosinha para voltarem*” e “*Então Rosinha disse adeus e deu um beijo no Chico Bento*”, nas quais, respectivamente, o aluno substitui por zero os referentes “ele e Rosinha” e “Rosinha”, conforme demonstra o esquema a baixo:

- (1) “(...) *Chico Bento disse para Rosinha para **ele e Rosinha** voltarem*”
 “(...) *Chico Bento disse para Rosinha para Ø voltarem*”
- (2) “*Então Rosinha disse adeus e **Rosinha** deu um beijo no Chico bento*”
 “*Então Rosinha disse adeus e Ø deu um beijo no Chico bento*”

Além disso, na oração “Eles navegaram, navegaram e navegaram”, observa-se que o aluno faz uso de referência por reiteração do item lexical “navegaram”, o qual, a princípio, parece representar uma tentativa da criança de, por meio dessa construção, demonstrar que o passeio e/ou o ato de navegar, praticado por Chico Bento e Rosinha, fora extenso.

Constata-se que, apesar de aluno fazer uso de “então” na penúltima frase, no que tange à coesão sequencial, o uso do operador do tipo lógico “e” é mais utilizado para garantir a sequenciação por conexão e a progressão de ideias no interior da narrativa.

O segundo texto analisado foi:

T02 – 03

O Namoro

Era uma vez, Chico viu uma flor e lembrou da Rosinha, ele foi lá na casa dela e lhe fez um convite, chamou ela para dar um passeio.

Ela foi e teve uma surpresa, ela viu uma canoa no meio da água e o Chico disse que era para ela entrar, que eles iriam dar um grande passeio.

Era meia noite e ele se apaixonaram, ele tão apaixonados que até deu um lindo coração na água.

Tinha até uns passarinhos beijando um ao outro.

Eles disseram que os passarinhos eram bonitinhos e eles ficaram muito felizes.

Leilane Morais Oliveira
Fernanda Maria Reis Brandão
Mônica Santos de Souza Melo



Não obstante aos erros ortográficos típicos das séries iniciais e os plurais não-marcados e/ou marcados de maneira problemática que se fazem presentes nesse texto, observa-se que, a princípio, essa narrativa é iniciada pela construção “Era uma vez”, a qual, embora seja típica de narrativas ficcionais, no texto analisado, apresenta problemas em relação às orações que a seguem: sabe-se que, frequentemente, o uso da construção “Era uma vez” é seguido por orações que apresentam SNs iniciados por determinantes indefinidos (ex: Era uma vez **um reino**) e, contrariamente a isso, vê-se que, após a construção, o aluno aloca um SN que vem iniciado pelo nome próprio “*Chico*”.

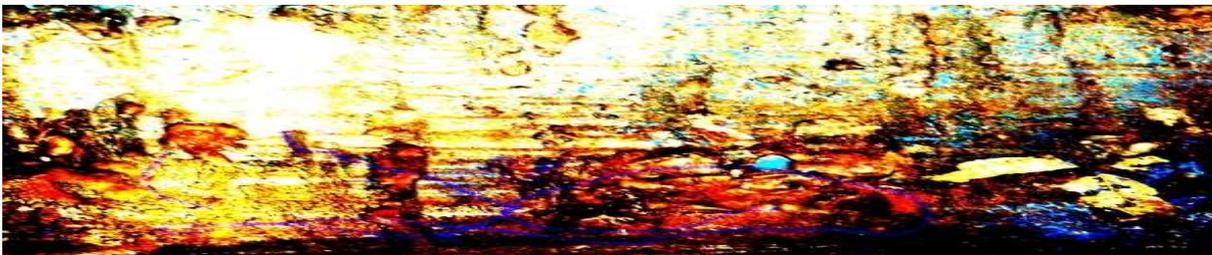
Vê-se que esse aluno, igualmente ao que escreveu T01 - 03, faz uso do mecanismo de coesão referencial por substituição de referentes, ora por meio de anáforas [“(…) **Chico** viu uma flor e lembrou da **Rosinha, ele** foi lá na casa **dela** e **lhe** fez um convite, chamou **ela** para dar um passeio.”], ora através de elipses [“Ela foi e Ø teve uma surpresa (...)”].

Além disso, quanto à coesão sequencial, novamente o operador do tipo lógico “e” é predominante utilizado. No entanto, apesar de em alguns momentos esse uso efetivar uma sequenciação por conexão, certas orações, por ele encadeadas, refletem pouca clareza e organização no que diz respeito à relação semântica que é estabelecida entre elas, como é o caso da frase “Era uma vez, Chico viu uma flor e lembrou da Rosinha, ele foi lá na casa dela e lhe fez um convite, chamou ela para dar um passeio.”, na qual o operador “e” coordena períodos dos quais a ligação semântica que é estabelecida só pode ser extraída do valor ilocucional que indiretamente propõem.

Observa-se, ainda, que no final do segundo parágrafo, na confusa oração “Ela foi e teve uma surpresa, ela viu uma canoa no meio da água e o Chico disse que era para ela entrar, **que** eles iriam dar um grande passeio.”, o aluno faz uso do pronome relativo “que” com intenção de expressar uma noção de causalidade entre o passeio que ambos haveriam de dar no rio e o fato de Chico Bento pedir à Rosinha para que entrasse na canoa, relação que, nesse caso, só seria corretamente enunciada se operador do tipo lógico “porque” fosse utilizado no lugar de “que”.

Há, ainda, a utilização do operador discursivo “até” que, no penúltimo parágrafo da narrativa, além de garantir a progressão do fluxo informacional do texto, serve para apresentar o fato de passarinhos se beijarem como argumento que visa orientar o leitor à percepção de que realmente Chico Bento e Rosinha estavam apaixonados.

Leilane Morais Oliveira
Fernanda Maria Reis Brandão
Mônica Santos de Souza Melo



Quanto à produção tem-se:

T03 – 03

Uma noite romantica

Em uma noite de lua cheia Chico Bento convidou Rosinha para ir a lagoa dos sonhos. Rosinha aceitou e ele chegou lá e Rosinha chegou depois e Rosinha ficou derretida.

Chico estava alegre e convidou Rosinha para entrar na canoa e os namorados de passarinhos e Chico parou a canoa e ficou conversando, sem parar e eles só voltaram a 03:00 da manhã e Chico pediu Rosinha em namoro e ela aceitou.

Como se pode perceber, a narrativa em questão também apresenta coesão referencial por substituição anafórica que se dá através de pró-formas pronominais e adverbiais, como na sentença “Em uma noite de lua cheia **Chico Bento** convidou Rosinha para ir **a lagoa dos sonhos** (...) e **ele** chegou **lá** 1º (...)”, na qual o pronome pessoal “ele” faz referência ao termo precedente “Chico Bento” e o advérbio de lugar “lá” retoma o sintagma nominal “a lagoa dos sonhos”.

Quanto à coesão referencial por reiteração, observa-se que, mesmo havendo constante repetição do nome “Rosinha”, não é possível dizer que esse uso represente uma ocorrência de coesão referencial por reiteração de um mesmo item lexical ou de uma expressão nominal definida, como descreve Fávero (1991: 23 – 25), pois, ao que parece, esse uso decorre de uma dificuldade do aluno em apresentar, na superfície do texto, expressões que sejam co-referentes do nome em questão.

Observa-se que, além do uso do operador do tipo lógico “e”, o qual garante a coesão do tipo sequencial temporal, há, nesse texto, uma coesão do tipo sequencial temporal que é assegurada pelo uso de expressões como “chegou lá 1º” e “Rosinha chegou **depois**”, que assinalam a ordem dos acontecimentos e a continuação das seqüências de tempo.

Contudo, vê-se que a narrativa apresenta claros problemas de coesão que se referem a uma coordenação caótica de orações (como no trecho “Rosinha aceitou e ele chegou lá 1º e Rosinha chegou depois e Rosinha ficou derretida”, o qual apresenta orações que estão meramente justapostas) e, também, às informações não - explicitas no texto, como é o caso da oração “Chico estava alegre e convidou Rosinha para entrar na canoa e os namorados de passarinhos (...)” que coordena o sintagma “os namorados de passarinhos”, às duas primeiras orações, sem que haja o estabelecimento de uma articulação entre eles.

Leilane Morais Oliveira
Fernanda Maria Reis Brandão
Mônica Santos de Souza Melo



Em relação à quarta narrativa:

T04 – 03

O amor é lindo

Chico Bento recebeu uma vizinha nova, que se chamava Rosinha.

Ao ve-la Chico Bento apaixonou-se, e foi vela para dar as boas vindas, e ele convidou-a para um passeio de barco anoite.

Ao ver o Chico bento remando a canoa Rosinha disse:

- Chico Bento, esse foi o passeio mais romântico que já dei.

- Obrigada Rosinha esse também foi o passeio mais romântico que já dei.

E foi nesse passeio de canoa que Chico Bento se apaixonou por Rosinha.

Nota-se que, com maior complexidade, a criança que escreveu essa redação também faz uso de mecanismos de coesão referencial quando substitui por anáfora e por catáfora certos itens da superfície textual, como mostram os exemplos:

- anáfora: “Ao **ve-la** Chico Bento apaixonou-se, e foi **vela** para dar as boas vindas, e ele **convidou-a** para um passeio de barco anoite.”

- catáfora: “- Chico Bento, **esse** foi o passeio mais romântico que já dei.”

Quanto ao uso de substituição por anáfora, vale ressaltar que, no trecho acima, ele ocorre sob a forma de ênclise, o que parece evidenciar que a criança possui domínio das regras gramaticais que se referem à substituição dos pronomes oblíquos átonos “a, o, as, os” por “la, lo, las, los” se vierem acompanhando verbos terminados em “r, s ou z” pois, indiferente ao fato de utilizar “*ve-la*” e depois “*vela*” que é uma construção problemática apenas em termos de grafia, vê-se que a criança utiliza o pronome “la” para a forma nominal do verbo “ver” e, posteriormente, utiliza “a” para o verbo “convidar” conjugado no pretérito perfeito do modo indicativo.

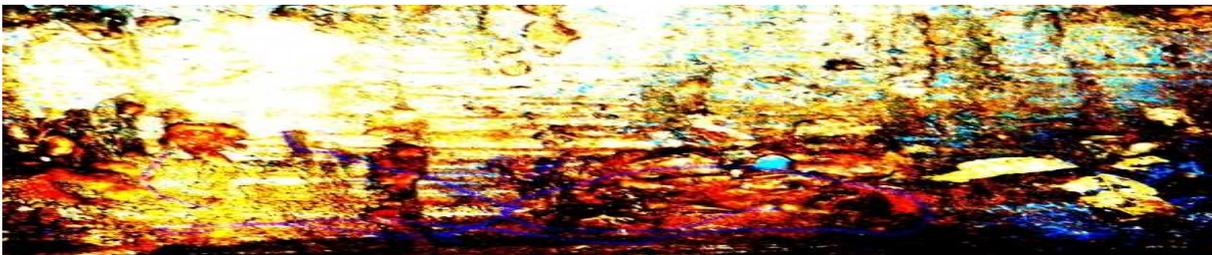
Além disso, constata-se que essa criança faz uso de mecanismos de coesão referencial por reiteração quando, no terceiro parágrafo, utiliza a expressão nominal definida “canoa” para retomar o referente “barco” do segundo parágrafo.

Constitui caso particular de coesão recorrencial por paralelismo, a reutilização da estrutura “esse foi o passeio mais romântico que já dei” nos seguintes trechos da narrativa:

- Chico Bento, esse foi o passeio mais romântico que já dei.

- Obrigada Rosinha esse também foi o passeio mais romântico que já dei.”

Leilane Morais Oliveira
Fernanda Maria Reis Brandão
Mônica Santos de Souza Melo



Entretanto, antes de classificar a ocorrência como exemplo de coesão recorrencial por paralelismo, é necessário supor que, nesse caso, trata-se de uma construção que aparenta ser, antes uma estratégia de preenchimento de espaço, do que propriamente um uso que tem por objetivo fazer o fluxo informacional progredir.

Vê-se que a coesão sequencial por conexão é também aqui assegurada pelo operador do tipo lógico “e” que é utilizado com o claro fim de correlacionar blocos oracionais. Entretanto, vê-se que há o uso da partícula temporal “anoite” que, embora grafada incorretamente, assinala uma sequenciação temporal dos acontecimentos narrados.

Por fim, em T05 – 03, tem-se:

T05 – 03 *Uma noite de um passeio na água*

Era uma vez Chico Bento e Rosinha foram parpear de canoa de noite eles estavam indo para um parque que era pertinho da lagoa e perto da lagoa tinha uma flores em forma de um L e tinha um casais de dois passarinho.

O Chico Bento e Rosinha os dois ficaram em banco do parque os dois estavam em um namoro que nunca, a Rosinha nunca pensou nesse namoro que Chico levou sem a Rosinha saber que é para levar ela, e os dois saíram de lá 00:00.

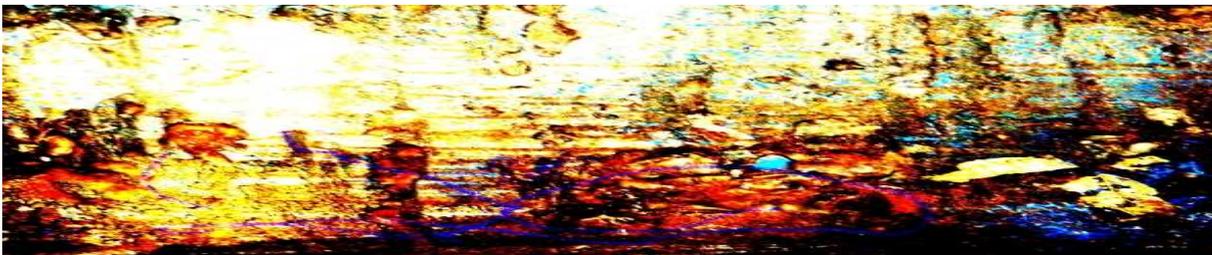
FIM

Além de claros problemas relacionados à grafia, à acentuação e à concordância nominal, observa-se que as sequências de orações subordinadas e coordenadas são separadas apenas duas vezes por vírgula e, fora isso, apresentam-se apenas sobrepostas e finalizadas por ponto final, o que evidencia um não-domínio ou domínio parcial dos sinais de pontuação por parte do aluno.

Há, igualmente a T02 – 03, um uso problemático da expressão “Era uma vez”, pois além de grafada de forma incorreta (“*Era uma fez*”), o uso do verbo “ser” não mantém relação com as orações que o seguem.

Além disso, observa-se que todo o primeiro parágrafo do texto refere-se claramente ao desenho que serviu de base à feitura da redação. O aluno diz que o passeio ocorrera, durante a noite, em uma lagoa e descreve esse espaço como um local onde havia flores em forma de L e um casal de passarinhos; informações que estão igualmente contidas na imagem dada pela professora:

Leilane Morais Oliveira
Fernanda Maria Reis Brandão
Mônica Santos de Souza Melo



Aqui, o operador do tipo lógico “e” é novamente o que garante a ligação dos períodos e a progressão do fluxo informacional por coesão sequencial por conexão, entretanto parece-nos que esse uso representa antes o desconhecimento de outros tipos de recursos coesivos, do que uma tentativa consciente, do aluno, de ordenar as sequências textuais com clareza.

Vê-se que, além dos problemas apontados no primeiro parágrafo, o segundo (que é formado por uma única oração) apresenta-se marcado por orações fragmentadas e/ou por orações que não possuem muita conexão entre si. Observa-se, por exemplo, que no trecho “os dois ficaram em banco do parque os dois estavam em um namoro **que nunca**, a Rosinha nunca pensou nesse namoro” há um processo de predicação inconcluso e, embora seja possível resgatar a coerência do que o aluno escreve, vê-se que a oração posterior a “*que nunca*” não completa o sentido iniciado por essa expressão.

Nessa redação, também é comum o uso de coesão referencial por substituição, a qual é dada através de pró-formas anafóricas pronominais, como no trecho a seguir, no qual o aluno substitui os referentes “Chico Bento e Rosinha” pelo pronome “eles”: “Era uma vez Chico Bento e Rozinha foram parcar de canoa de noite eles estavam indo para um parque (...)”. E há, também, coesão referencial por substituição, através de pró-formas anafóricas numerais, como em “O **Chico Bento e Rosinha os dois** ficaram em banco do parque **os dois** estavam em um

Leilane Morais Oliveira
Fernanda Maria Reis Brandão
Mônica Santos de Souza Melo



namoro que nunca (...)", trecho em que a expressão "os dois" substitui, novamente, os referentes "Chico Bento e Rosinha".

5. Análise Linguístico-Textual das Narrativas das Crianças do 5º Ano

As redações produzidas pelos alunos do quinto ano, no que tange à coesão textual, também foram avaliadas de acordo com a proposta de Fávero (1991) e vale ressaltar que, por motivos de exemplificação e em função da curta extensão apresentada por elas, transcrever-se-á abaixo as redações na íntegra.

A primeira narrativa analisada da turma do quinto ano é T01 – 05:

T01 – 05 Robin Hood

Havia um rei chamado Ricardo Coração de Leão, ele era bondoso com o povo. Certo dia ele teve que sair do país para guerrear, e deixou seu irmão João Sem Terra governando a pátria. O interino rei, logo que Ricardo foi embora, ele começou a cobrar as dívidas com o castelo dos súditos, na qual o rei Ricardo deixou pagar pouco a pouco.

Terras foram tomadas, pessoas presas e bens tirados por um novo decreto de João. Robin Hood juntou com os jovens do povo, juntamente com o pequeno (que era gigante) John, foram ao bosque planejar um jeito de irritar o rei até que Ricardo voltasse. Mas, era chegada o dia dos torneios, Robin e os rapazes foram tampados por um pano, pois eram procurados no país. Venceram todas as provas, Robin pegou o prêmio e fugiu dos guardas.

A princesa Elizabeth foi presa por João, Robin tinha afeto por ela e resolveu lutar contra o rei. Um moço dizendo ser Cavaleiro Negro, de terra distantes, ajudou Robin Hood e os rapazes a lutarem contra João Sem Terra.

Na luta, João ordenou matar Robin, os rapazes e o desconhecido Cavaleiro Negro que impediu ordenando para parar. João perguntou quem era para dar ordens. E ele respondeu que era o rei Ricardo Coração de Leão, que pegou a coroa, tirou a armadura, libertou o povo, devolveu as terras e expulsou João Sem Terra do país. Robin Hood tornou-se um cavaleiro e casou com Elizabeth, Ricardo foi padrinho.

No texto acima, é possível observar, logo nas primeiras linhas, o uso do mecanismo de coesão referencial por substituição anafórica, o qual permite que as pró-formas pronominais "ele", "seu" e "na qual" substituam, respectivamente, os elementos textuais "rei", "Ricardo Coração de Leão" e "dívidas".

Observa-se ainda, que o uso do pronome relativo *na qual* para retomar a palavra *dívidas* é indevido, pois o uso da preposição *na* (em + a) denota *lugar onde*, o que não é compatível com o contexto linguístico em questão e acaba ocasionando uma incoerência local.

Leilane Morais Oliveira
Fernanda Maria Reis Brandão
Mônica Santos de Souza Melo



Além disso, vê-se que, ao inserir os operadores discursivos “mas” e “pois” na frase “Mas, era chegado o dia dos torneios, Robin e os rapazes foram tampados por um pano, pois eram procurados no país.”, o aluno faz uso dos mecanismos de coesão sequencial e, para introduzir a conclusão da narrativa, vale-se da expressão “Na luta” para retomar o parágrafo anterior e o conectar ao parágrafo subsequente, o que representa um uso de coesão recorrential.

Tem-se a seguir a narrativa T02 – 05:

T02 - 05 Robin Hood, o Salvador

Certa vez, existia em um reino, um rei muito sábio chamado Ricardo Coração de Leão. Esse rei era bondoso e sabia governar, por isso todos gostavam dele.

Eis que um dia, Ricardo Coração de Leão teve que sair do castelo por um tempo, pois tinha que lutar em uma grande Batalha. Ricardo deixou o reino no comando de João sem terra.

As pessoas não gostavam do João sem terra, porque ele era mal. Ele era tão maldoso que criou uma lei que dizia que todo dia os camponeses deveriam entregar em seu castelo 12 ovos e a metade do leite fornecido pelas vacas.

Quando todos do reino ficaram sabendo disso, eles acharam ruim mas não podiam fazer nada. Porém Robrin Hood o baniu de lá e um tempo depois se casou.

Em T02 - 05, tem-se um texto claramente estruturado nos moldes narrativos clássicos, pois, vê-se que o mesmo apresenta-se organizado em eventos lineares: estado inicial, no qual o produtor textual introduz o assunto “Certa vez, existia em um reino, um rei muito sábio chamado Ricardo Coração de Leão”, um estado secundário que se refere ao desenrolar da história do rei, e um estado final, no qual se dá o desenlace da narrativa “Quando todos do reino ficaram sabendo disso, eles acharam ruim mas não podiam fazer nada. Porém Robrin Hood o baniu de lá e um tempo depois se casou”

Observa-se que o estado inicial é assegurado por uma série de mecanismos de coesão referencial, uma vez que o aluno utiliza-se de alguns termos para fazer retomadas por substituição. A primeira ocorrência se dá por substituição catafórica e, através dela, o elemento de referência *rei* antecipa o referente, “Ricardo Coração de Leão”, que é posteriormente expresso no texto e, em seguida, vê-se que esse mesmo referente é anaforicamente retomado pelo pronome demonstrativo “esse” e pelo possessivo “dele”.

O uso do operador do tipo lógico “por isso”, que aparece na frase “por isso todos gostavam dele”, surge como marca de coesão sequencial e apresenta uma justificativa ou



explicação sobre a informação anterior – “Certa vez, existia em um reino, um rei muito sábio chamado Ricardo Coração de Leão. Esse rei era bondoso e sabia governar”.

No desenvolvimento da narrativa, o produtor do texto faz o fluxo informacional caminhar e, através dos mecanismos de coesão sequencial, une duas proposições por meio operador discursivo “pois” - “Eis que um dia, Ricardo Coração de Leão teve que sair do castelo por um tempo, pois tinha que lutar em uma grande Batalha.”- e estabelece relação de causa e consequência, pelo uso do operador do tipo lógico “porque”, entre as seguintes proposições “As pessoas não gostavam do João sem terra, porque ele era mal.”.

O desfecho da narrativa é introduzido pela seguinte frase “Quando todos do reino ficaram sabendo disso, eles acharam ruim mas não podiam fazer nada. Porém Robrin Hood o banuiu de lá e um tempo depois se casou.” Nesse fragmento, o aluno faz uso de dois operadores do discurso, a saber: *mas* e *porém*.

- (1) “eles acharam ruim **mas** não podiam fazer nada.”
- (2) “não podiam fazer nada. **Porém** Robrin Hood o banuiu de lá e um tempo depois se casou.”

Observa-se que o uso de tais operadores argumentativos também articula sequencialmente frases e servem para contrapor orações de conteúdos opostos e que simultaneamente contribuem para o caminhar das informações em direção ao desfecho.

Já no texto T03 – 05 encontra-se o exposto:

T03 – 05 Robin Hood

*Era uma vez um reino que vivia muito feliz com seu rei, Ricardo Coração de Leão.
Um dia Ricardo Coração de Leão teve que sair do país para guerrear, deixando no poder, seu irmão João Sem Terra. O rei não sabia, mas seu irmão, João sem terra era muito ganancioso.
Após a saída de Ricardo Coração de Leão, João sem terra, começou a cobrar os impostos.
A sua primeira vítima foi o moleiro da cidade. O cobrador queria sua casa e o moinho, mesmo assim, não era suficiente
João sem terra tomava as terras de todos e ainda queria todo dia uma dúzia de ovos e um litro de leite.
Robin Hood e seus amigos montaram vários planos para tirar João do poder, Até que Robin passou a ser procurado por João.
João astucioso como nunca, mandou prender a amiga de Robin, Elizabeth. Robin e seus amigos encontraram o cavaleiro negro que iria o ajudar no resgate de Elizabeth. Robin invadiu o castelo, e com o*

**Leilane Morais Oliveira
Fernanda Maria Reis Brandão
Mônica Santos de Souza Melo**



barulho o príncipe João acordou, e foi até lá. O cavaleiro negro tirou sua armadura e podia-se ver que era o rei Ricardo. João foi punido.

Robin e Elizabeth se casaram e viveram junto com o reino uma vida feliz.

O texto tem início com a construção típica de narrativas ficcionais: “Era uma vez”. Tal construção chama a atenção pelo fato de esse uso estar correto e servir para resumir toda a narrativa “Era uma vez um reino que vivia muito feliz com seu rei, Ricardo Coração de Leão”.

No parágrafo seguinte, vê-se que o aluno, por meio de uma pró-forma pronominal [“(…) **Ricardo Coração de Leão** teve que sair do país para guerrear, deixando no poder, **seu** irmão João Sem Terra.”], faz uso do mecanismo de coesão referencial por substituição anafórica.

Não obstante, observa-se que a coesão sequencial também é recorrente a partir do operador discursivo “mas”, conforme demonstra o seguinte trecho: “O rei não sabia, **mas** seu irmão, João sem terra era muito ganancioso”.

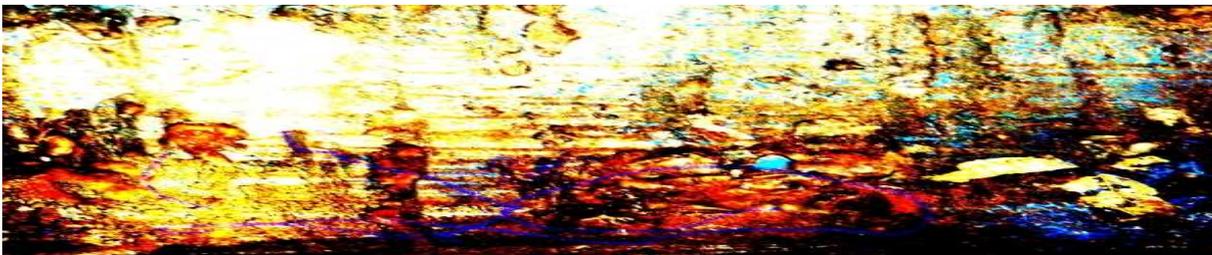
Novamente quanto à coesão sequencial, o aluno faz uso do operador do tipo lógico “e” na proposição “João sem terra tomava as terras de todos e ainda queria todo dia uma dúzia de ovos e um litro de leite.” Nesse caso, apesar do operador “e” efetivar uma sequenciação por conexão, as orações seguintes, por ele encadeadas, refletem desconhecimento ou pouco domínio de outros conectivos, como demonstra a frase seguinte, na qual a ligação das proposições por meio do operador “e” é altamente repetitiva: “Robin invadiu o castelo, e com o barulho o príncipe João acordou, e foi até lá.”

Passando à análise da quarta narrativa dos alunos do quinto ano, T04 – 05, tem-se:

T04 – 05

Na sexta-feira dia 16 de outubro de 2009, Marluce nos levou até a sala de computadores pois tinha muito barulho na escola. Então começou a ler a história de Robin Hood. E a história começou assim: Havia um rei muito sabio e justo certo dia ele teve que viajar e teve a ideia de colocar seu irmão João sem Terra no comando. Mas não conhecia suas maldades. Um dia Robin e um grupo de jovens reuniram-se em uma cabana distante para tentar acabar com as maldades do João sem Terra; caminhando encontrou um cavaleiro negro que era na verdade o rei mais conhecido como Ricardo Coração de Leão mas eles não sabiam quem era aquele homem misterioso, estavam indo para um concurso de arqueiros que havia na cidade e venceram todas as provas a ultima foi o Robin mesmo emque atirou que seria um chapéu no ar venceu o prefeito queria saber seu nome pois era muito lom ele não acreditou quando o menino disse que seu nome era Robin Hood ele repetiu tirando sua capa que o disfarçava o prefeito gritou: Peguenhos e saíram correndo e fugiram. Robin se casou e o rei Ricardo Coração de Leão que era o cavaleiro negro foi o seu padrinho.

Leilane Morais Oliveira
Fernanda Maria Reis Brandão
Mônica Santos de Souza Melo



O texto acima constitui uma curiosa narrativa, pois o produtor do texto preocupa-se, no primeiro momento, em contextualizar as condições de produção que influenciaram a elaboração da redação: “Na sexta-feira dia 16 de outubro de 2009, Marluce nos levou até a sala de computadores pois tinha muito barulho na escola.”

Além de evidentes deficiências relacionadas ao emprego de alguns recursos coesivos, os quais serão mencionados adiante, o texto apresenta-se problemático no que tange à ortografia, à acentuação, ao uso de parágrafos e ao emprego dos sinais gráficos de pontuação; o que demonstra uma deficiência ou um não domínio dos aspectos formais e estruturais dos quais um texto é composto.

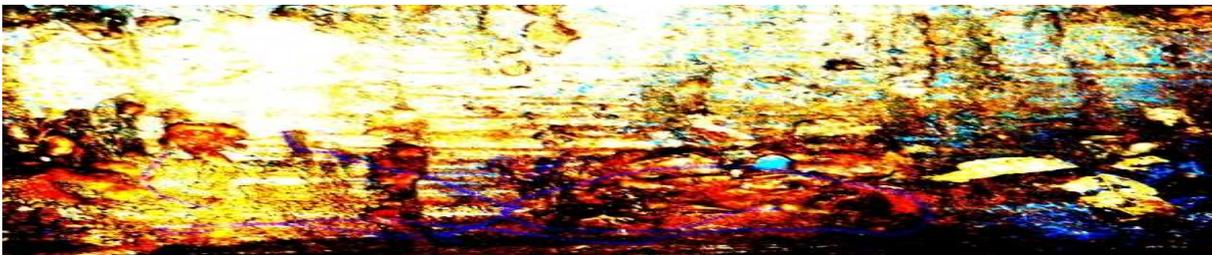
O aluno, após atribuir um contexto à sua redação, começa a recontar o que lhe foi narrado pela professora. Nesse momento, o operador do tipo lógico “então” é usado como meio de dar progressão às informações do texto e representa um uso dos mecanismos de coesão sequencial, conforme demonstra o trecho a seguir: “Então começou a ler a história de Robin Hood. E a história começou assim...”

Nas primeiras linhas que compõe a narrativa do aluno, (“Havia um rei muito sabio e justo certo dia ele teve que viajar e teve a ideia de colocar seu irmão João sem Terra no comando. Mas não conhecia suas maldades. Um dia Robin e um grupo de jovens reuniram-se em uma cabana distante para tentar acabar com as maldades do João sem Terra.”), pode-se observar uma ruptura no que diz respeito à temática, pois, vê-se que ao começar a narrativa o aluno fala da história de um rei que, a princípio, não apresenta referente explícito e, logo em seguida, passar a falar de Robin Hood.

Na frase “Mas não conhecia suas maldades.”, o operador discursivo “mas” é utilizado como recurso que garante a coesão sequencial por conexão e estabelece com a primeira oração uma relação de contrajunção. Nessa mesma proposição, vê-se ainda que, a partícula rei é substituída por zero [“Mas \emptyset não conhecia suas maldades”], o que indica a ocorrência de coesão referencial por substituição elíptica.

Nas proposições seguintes, constata-se que a falta de pontuação e de mecanismos coesivos torna a articulação entre as idéias do texto relativamente precária. Contudo, ainda é possível verificar a presença do operador argumentativo “mas” e do operador do discurso “pois”, conforme indicam os trechos abaixo:

Leilane Morais Oliveira
Fernanda Maria Reis Brandão
Mônica Santos de Souza Melo



- (1.) *Um dia Robin e um grupo de jovens reuniram-se em uma cabana distante para tentar acabar com as maldades do João sem Terra; **mas eles** não sabiam quem era aquele homem misterioso (...) e a pró-forma pronominal anafórica **eles** faz referência a Robin e um grupo de jovens.”*

Aqui, o “mas” é usado como elemento responsável por estabelecer a coesão sequencial por conexão e, também, um sentido adversativo entre as orações.

- (2.) *“... o prefeito queria saber seu nome pois era muito lom”*

À parte, a confusão na grafia de “bom” (lom), vê-se que, nessa frase, o operador discursivo “pois”, além de estabelecer a coesão sequencial por conexão, introduz uma explicação de um ato anteriormente mencionado, ou seja, o fato do prefeito querer saber o nome do arqueiro.

A mesma confusão que permeia o início do texto, é notável no desfecho: “(...) ele não acreditou quando o menino disse que seu nome era Robin Hood ele repetiu tirando sua capa que o disfarçava o prefeito gritou: Peguenhos e saíram correndo e fugiram. Robin se casou e o rei Ricardo Coração de Leão que era o cavaleiro negro foi o seu padrinho.”.

Além da ausência de sinais gráficos de pontuação, tais como vírgulas, travessões e pontos finais, no trecho acima, verifica-se uma ruptura temática entre as proposições, uma vez que, num primeiro momento, o aluno narra o encontro entre o interino rei e Hobin Hood, e em seguida, de forma brusca, introduz, no discurso, uma frase que funciona como epílogo da narrativa, “Robin se casou e o rei Ricardo Coração de Leão que era o cavaleiro negro foi o seu padrinho.”, sugerindo, pois, o desenlace.

Para finalizar a análise dos textos que compõem o *corpus* desse trabalho, tem-se a seguir a última redação analisada:

T05 – 05 Robin Hood

Em uma cidade, João Coração de Leão era prefeito, quando viajou teve que eleger um vice prefeito que foi o seu irmão.

Enquanto viajava, o seu irmão estava querendo todos os bens das pessoas daquela cidade.

Certa vez, apareceu um homem naquela cidade chamado Robin Hood, que queria livrar aquela cidade da maldadeza do vice-prefeito.

Um dia o irmão de João promoveu uma competição de arco e flecha, Robin e seus amigos estavam acertando todos os alvos, o último alvo era uma lata de feijão. O vice-prefeito jogou a lata para cima e Robin acertou.

**Leilane Morais Oliveira
Fernanda Maria Reis Brandão
Mônica Santos de Souza Melo**



Como ganhou a competição, ele seria premeado com um saco cheio de moedas de ouro. O prefeito perguntou qual era o seu nome, ele disse: Robin Hood. O vice-prefeito gritou com seus homens: atrás dele. Robin e seus amigos fugiram em disparado.

Um dia o irmão de João Coração estava fazendo maldade, quando Robin apareceu, com um homem chamado Pequeno, que derrotou o exército do vice-prefeito, e Robin, quando encontrou o vice-prefeito, tirou o desfarce – Era João Coração de Leão.

João voltou a ser prefeito, o seu irmão foi exilado daquele país.

Como pode-se observar, esse texto segue o padrão estrutural de uma narrativa, apresentando, pois, estado inicial, complicação, e estado final.

O estado inicial é colocado no texto de forma breve “Em uma cidade, João Coração de Leão era prefeito, quando viajou teve que eleger um vice prefeito que foi o seu irmão.” E, já aqui, verifica-se o uso da coesão referencial por elipse, “(...) quando Ø viajou teve que eleger um vice prefeito”.

A complicação da narrativa é permeada por algumas deficiências de cunho ortográfico, como em: maldadeza – maldade, premeado – premiado, atrás – atrás, e disparado – disparado.

No que tange a coesão recorrencial, observa-se que o aluno utiliza-se desse mecanismo como forma de costurar informação nova à informação velha, através da recorrência de termos como: *Robin Hood*, vice-prefeito, irmão de João, entre outros.

E, novamente em relação à coesão referencial, nota-se que o uso de pró-formas pronominais como, “ele”, “seu”, “seus” garantem a retomada, por anáfora, de elementos já expressos na superfície textual.

6. Conclusões

A observação atenta dos textos que compõem o *corpus* desse estudo permitiu concluir que o tipo de mecanismo coesivo mais utilizado pelas crianças que produziram os textos é a coesão referencial por substituição.

Entretanto, verificou-se, em consonância com a classificação de Fávero (1991), que, de maneira quase sempre satisfatória, os alunos também utilizaram os mecanismos que se encontram elencados na tabela a seguir:

Leilane Morais Oliveira
Fernanda Maria Reis Brandão
Mônica Santos de Souza Melo



COESÃO REFERENCIAL		COESÃO RECORRENCIAL	COESÃO SEQUENCIAL	
Substituição por:	anáfora	Paralelismo	Sequenciação por:	partículas temporais
				partículas que assinalam a continuação das sequências temporais
	catáfora zero		Conexão por:	operadores do discurso
Reiteração de:	mesmo item lexical			
	expressões nominais definidas			

Contudo, conclui-se que entre os alunos do terceiro ano a coesão referencial se dá, quase sempre, por substituição e, na maioria das vezes, a partir das pró-formas pronominais *ele (a)* e *dele (a)*; enquanto a coesão sequencial é assegurada, na maioria das vezes, pelo uso do operador do tipo lógico “e”, o que, acredita-se, pode ser justificados pelo fato de o contato desses alunos com a modalidade escrita da língua ainda ser bastante recente.

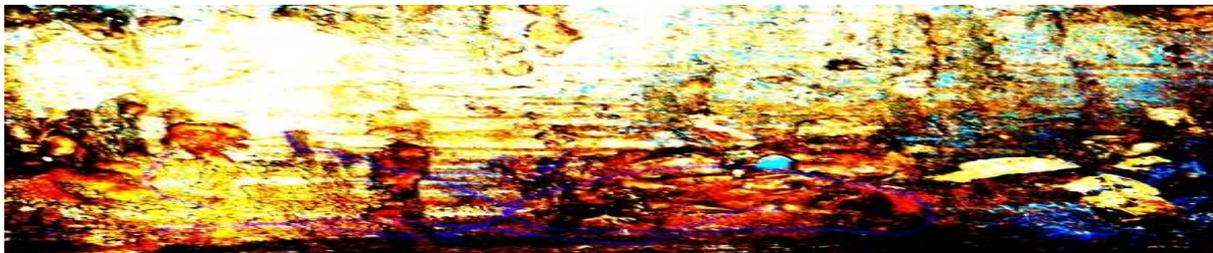
Já em relação aos mecanismos coesivos utilizados pelos alunos do 5º ano, conclui-se que, a princípio, a coesão referencial por substituição (em especial a retomada por pró-formas anafóricas) e a coesão por reiteração (com ênfase na repetição do mesmo item lexical e de sinônimos) foram os recursos coesivos mais explorados.

Entretanto, mesmo que numa escala menor, observou-se a ocorrência dos mecanismos de coesão sequencial por conexão, a qual foi dada pelo uso dos operadores do tipo lógico: *mas*, *por isso*, *pois*, *porque* e *porém*.

Não obstante, constatou-se que os mecanismos de coesão recorrencial são praticamente nulos em todos os textos analisados e, quanto ao léxico, observou-se que os textos de ambos os anos apresentam o emprego de vocabulário satisfatório para as crianças dessas faixas etárias.

Por fim, ressalta-se que os resultados, além de evidenciarem que os mecanismos coesivos foram utilizados de forma geralmente eficaz nos textos dos alunos, apontam para o fato de que a

Leilane Morais Oliveira
Fernanda Maria Reis Brandão
Mônica Santos de Souza Melo



coesão é realmente um fator de textualidade que precisa ser, desde as séries iniciais, sistematicamente trabalhado no ambiente escolar. Em virtude de ser no início do período pós-alfabetização que as crianças começam a dominar, de forma mais operativa, os processos de leitura e de escrita.

7. Referências Bibliográficas

- BASTOS, L. K. **Coesão e coerência em narrativas escolares**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. **Cohesion in English**. London and New York: Longman, 1976.
- FÁVERO, L. L. **Coesão e Coerência Textuais**. São Paulo: Ática, 1991.
- KOCH, I. G. V. **A coesão Textual**. São Paulo: Contexto, 1989.
- PÉCORA, A. Problemas de coesão textual. In: PÉCORA, A. **Problemas de Redação**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

Anexo

1. Listas dos textos do *corpus* de análise

NARRATIVAS DO TERCEIRO ANO	
Identificação do Texto	Título
N01 - 03	Um passeio inesquecível
N02 - 03	O namoro
N03 - 03	Uma noite romantica
N04 - 03	O amor é lindo
N05 - 03	Uma noite de um passeio na água

NARRATIVAS DO QUINTO ANO

Leilane Morais Oliveira
Fernanda Maria Reis Brandão
Mônica Santos de Souza Melo



Identificação do Texto	Título
N01 - 05	Robin Hood
N02 - 05	Robin Hood, o salvador
N03 - 05	Robin Hood
N04 - 05	
N05 - 05	Robin Hood

**Leilane Morais Oliveira
Fernanda Maria Reis Brandão
Mônica Santos de Souza Melo**